ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO AMBIENTAL AMAZÔNICA: RELAÇÃO ANCESTRAL DA PRÁTICA DA COMPOSTAGEM NA AMAZÔNIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL[1]

Clara Letícia de Lima Moutinho [2]
Andreza Miyuki Rocha Yasutake [3]
João Victor Monteiro Silva [4]
Viviane Corrêa Santos [5]

INTRODUÇÃO

O capitalismo é o sistema econômico-político-social que norteia a lógica de superprodução e, por conseguinte, de poluição. Lorena Marques (2025) destaca que a crise ambiental contemporânea é resultante da forma como o sistema se organiza, pois é a partir da expansão econômica ilimitada que o capitalismo contradiz a finitude dos recursos naturais, realizando a extração, produção e descarte de mercadorias a despeito dos efeitos ambientais causados por esse processo contínuo e exacerbado. Ainda que haja um discurso que aponte como resposta "soluções tecnológicas" ou a "economia verde" (p. 24), a redução dos impactos ambientais causados é insuficiente comparada à lógica de produção capital em nome do lucro, demonstrando que a crise ambiental é um elemento estrutural do sistema.

Ademais, a colonialidade é uma forma de adaptação do colonialismo ao período em que o sistema vigente se estabeleceu na modernidade, promovendo, por exemplo, uma visão etnocêntrica em detrimento de outros territórios e povos. Os dizeres de Quijano (2005) apontam a importância de sairmos da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e voltar a atenção ao território amazônico, com atividades carregam elementos culturais, geográficos, históricos e étnicos, reforçando um ensino que busque

[1] Resumo expandido resultante da atividade de extensão desenvolvida por discentes do curso de Licenciatura da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

[2] Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado Pará - UEPA, clara.ldl.moutinho@aluno.uepa.br;
[3]Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Pará - UEPA, miyukiyasutake02@gmail.com;
[4]Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Pará - UEPA, joao.vm.silva@aluno.uepa.br;
[5] Professora Doutora em Geografia da Universidade do Estado do Pará - UEPA, viviane.santos@uepa.br.

ISSN: 2358-8829

trazer estes conhecimentos para a educação ambiental a partir da cosmovisão dos povos tradicionais.

Desse modo, os educandos devem pensar a realidade amazônica e os saberes dos povos tradicionais a partir da sensibilização provocada através dos processos educativos, constituindo a partir disso a sua própria consciência ambiental (Castro, 2019). Por isso, é essencial compreender a educação ambiental como "um meio pelo qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, econômicos, culturais, conhecimentos e habilidades que possam transformar a sociedade voltada para um bem comum: a qualidade de vida e a sustentabilidade" (Souza, 2022, p.170).

Assim, construiu-se um trabalho com o objetivo geral de promover a educação ambiental amazônica a partir dos saberes ancestrais quanto a compostagem aos educandos do ensino fundamental. Para tanto, foi necessário 1) apresentar noções básicas a respeito da educação ambiental; 2) discutir a respeito das práticas de produção, preservação e conservação do território pelos povos tradicionais; e, por último, 3) sensibilizar o alunado quanto à realidade socioambiental.

A aplicação deste se deu com alunos do 5º ano da Escola Estadual Professor José Ribeiro Valente, no bairro da Cabanagem/PA, com aula expositiva-dialogada sobre reciclagem, compostagem, sustentabilidade na modernidade e as práticas de preservação e conservação dos povos originários, com destaque para a sua cosmovisão, enfatizando que os saberes ancestrais preconizam a relação dos seres humanos e a natureza, e indicam formas de produzir e organizar os territórios em favor da consciência ambiental que conduza a transformação socioambiental.

METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido foi de abordagem qualitativa, pois assim,

> é possível compreender sobre o universo simbólico e particular das experiências, comportamentos, emoções e sentimentos vividos, ou ainda, compreender sobre o funcionamento organizacional, os movimentos sociais, os fenômenos culturais e as interações entre as pessoas, seus grupos sociais e as instituições (Medeiros, 2012, p. 224).

Medeiros (2012) também aponta que esse tipo de abordagem exige do pesquisador o envolvimento com o campo e seus atores a fim de compreender o que

ISSN: 2358-8829

ocorre no cotidiano pesquisado, sendo necessária a intersubjetividade no desenvolvimento do trabalho independente das técnicas utilizadas para coletar dados, prezando pelo rigor metodológico.

É fundamental o olhar atento aos movimentos dos participantes no contexto da pesquisa, levando em consideração que os dados coletados são captados a partir da relação pesquisador-pesquisado por meio do "processo-interatividade", assim, torna-se então possível "esgotar a teia de significados inerentes ao fenômeno estudado" (Medeiros, 2012, p. 224).

Com vistas a trabalhar Educação Ambiental na Amazônia, compreendeu-se a necessidade de uma perspectiva formativa aos educandos que correlaciona educação-cultura-território, levando em consideração que "crianças são inseridas nas ações cotidianas, construindo seu pertencimento com base nas práticas culturais, agrícolas, ecológicas, econômicas, religiosas, entre outras, em um contexto geográfico específico" (Fernandes; Lopes, 2018, p. 144), ou seja, que a cultura acontece nos espaços sociais e, a partir disso, ocorrem processos educacionais em ambientes formais, não-formais ou informais que constituem indivíduos e constroem sujeitos sociais.

Desse modo, a aplicação ocorreu com 12 alunos do 5° ano da Escola Estadual Professor José Ribeiro Valente, situada no bairro da Cabanagem, na região metropolitana de Belém, no primeiro semestre de 2026. Inicialmente, se deu a partir de aula expositiva-dialogada com os seguintes temas: a reciclagem com resíduos orgânicos e não-orgânicos; o que é a compostagem; o que é sustentabilidade na modernidade; apontando que o discurso da sustentabilidade moderna baseia-se numa lógica ocidental que escamoteia a forma organizacional dos povos tradicionais da Amazônia que, por sua vez, já faziam uso de práticas de preservação e conservação do ecossistema local em seu cotidiano.

Na Amazônia, a compostagem é resultado das práticas milenares apontadas como registro biológico e arqueológico dos espaços habitados por povos indígenas que a partir de suas formas de subsistir, organizar e manipular a biodiversidade do território, produziram em solo amazônico a terra preta. Um adubo extremamente rico em nutrientes e resíduos orgânicos que diferenciam-se do que seria a tendência do solo amazônico, que é pouco fértil e argiloso dada a deficiência em nutrientes essenciais às plantas. Dito isso, fez-se necessário destacar a cosmovisão desses povos, demonstrando

ISSN: 2358-8829

uma relação distinta da atual quanto ao descarte de resíduos e, indo além, ao meio ambiente e ao território (Texeira, 2008; Jesus, 2025).

Fato concreto é que não cabe debater sustentabilidade como algo descolado da realidade histórica amazônica, visto que os saberes ancestrais apontam a indissociabilidade entre ser humano e natureza, e indicam formas de produzir e organizar que são anteriores à modernidade, mas que dialogam com a necessidade de expansão da consciência ambiental dos educandos para transformação da realidade do território em que os mesmos estão inseridos (Carneiro, Martins, Brando, 2023; Jesus, 2025).

Por último, foi realizado um momento prático, com confecção de de uma composteira pelos educandos com uso de recursos materiais como garrafas PET, serragem, e resíduos orgânicos como frutas, cascas de legumes e tubérculos e cascas de ovo. A realização dessa atividade pôde desenvolver saberes quanto à relação do ser social com o descarte do lixo e com o resíduo orgânico a partir da práxis, buscando promover um processo formativo em sua totalidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão ambiental contemporânea precisa partir de suas raízes estruturais. Marques (2025) destaca que a crise ambiental resulta da forma como o capitalismo se organiza: a expansão econômica ilimitada contradiz a finitude dos recursos naturais e sustenta um ciclo contínuo de extração, produção e descarte de mercadorias, sem considerar seus efeitos ambientais. Por isso, o discurso das "soluções tecnológicas" ou da "economia verde" (Marques, 2025, p. 24) é insuficiente diante da lógica de produção em nome do lucro, o que revela que a crise ambiental é um elemento estrutural do sistema, e não um problema pontual.

Esse modelo de sociedade se articula à colonialidade, entendida como a forma de adaptação do colonialismo à modernidade, que promove uma visão etnocêntrica em detrimento de outros territórios e povos. Diante disso, Quijano (2005) aponta a importância de sairmos da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e de voltarmos a atenção ao território amazônico, com suas atividades que carregam elementos culturais, geográficos, históricos e étnicos. Nessa direção, Carneiro, Martins e Brando (2023, p. 15) afirmam que a educação ambiental contrapõe os "paradigmas que sustentam a crise

ISSN: 2358-8829

ambiental na medida em que evidencia as heranças colonialistas que provocam a marginalização perpetrada pelo racismo estrutural e institucional". Jesus (2025, p. 4-5) acrescenta que reconstruir o "entendimento da natureza, a partir do olhar ancestral, requer um diálogo que possibilite a formação para a ação sociopolítica diante dos impactos socioambientais diretamente relacionados aos danos causados pelos interesses do capitalismo". Os saberes ancestrais, portanto, não são apenas conteúdo a ser ensinado, mas um caminho para uma formação cidadã crítica.

No campo educacional, a educação ambiental é compreendida como "um meio pelo qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, econômicos, culturais, conhecimentos e habilidades que possam transformar a sociedade voltada para um bem comum: a qualidade de vida e a sustentabilidade" (Souza, 2022, p.170). Para Castro (2019), os educandos devem pensar a realidade amazônica e os saberes dos povos tradicionais a partir da sensibilização provocada pelos processos educativos, constituindo assim a sua própria consciência ambiental. Esse processo exige uma prática contextualizada. Freire (1996, p. 17) fundamenta a ideia de partir das experiências sociais dos estudantes para construir uma intervenção pedagógica significativa. Fernandes e Lopes (2018, p. 144) lembram que "crianças são inseridas nas ações cotidianas, construindo seu pertencimento com base nas práticas culturais, agrícolas, ecológicas, econômicas, religiosas, entre outras, em um contexto geográfico específico", o que correlaciona educação, cultura e território. Rossini e Cenci (2020) dialogam com essa perspectiva ao desenvolverem a ideia de uma educação ambiental contextualizada.

Por fim, a compostagem na Amazônia pode ser compreendida a partir dessa articulação entre saberes ancestrais e educação ambiental. A cosmovisão dos povos indígenas demonstra uma relação distinta da atual quanto ao descarte de resíduos, ao meio ambiente e ao território (Texeira, 2008; Jesus, 2025). Segundo Carneiro, Martins e Brando (2023) e Jesus (2025), não cabe debater sustentabilidade isolada da realidade histórica amazônica, pois os saberes ancestrais apontam a indissociabilidade entre ser humano e natureza e indicam formas de produzir e organizar o território anteriores à modernidade, que dialogam com a necessidade de ampliar a consciência ambiental dos educandos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

O primeiro momento da atividade, onde um diálogo inicial foi estabelecido, se mostrou imprescindível, pois foi possível compreender a visão do alunado e a sua relação com a natureza, a fim de utilizar suas experiências sociais como ponto de partida para construir uma intervenção pedagógica contextualizada e significativa para os estudantes (Freire, 1996, p. 17). Ao decorrer da atividade, pôde-se notar, conforme figura 1, que os estudantes possuíam conhecimento prévio acerca da prática da compostagem, o que facilitou a compreensão da temática trabalhada em sala de aula e a assimilação desta prática aos saberes ancestrais. Desse modo, o compromisso cidadão para com o meio ambiente foi fortalecido.

Figura 1 - Aula expositiva-dialogada



Fonte: acervo dos autores, 2026.

Com relação ao conceito de terra preta indígena, fez-se necessário a contextualização histórica acerca da formação do Brasil. A presença dos povos indígenas nas américas antecede a chegada dos europeus nesse continente, no século XV, entretanto, o que percorre pelo senso comum é a ideia de “descobrimento”, como uma forma de romantizar a invasão portuguesa que contribuiu para o apagamento étnico dos povos originários, marginalizando aspectos como cultura, religião e, principalmente, os saberes construídos por eles. A educação ambiental, no entanto, contrapõe os “ (...) paradigmas que sustentam a crise ambiental na medida em que evidencia as heranças colonialistas que provocam a marginalização perpetrada pelo racismo estrutural e institucional. ” (Carneiro; Martins; Brando, 2023, p. 15).

ISSN: 2358-8829

Abordar essa discussão em sala de aula é um modo de valorizar e reforçar a perspectiva indígena sobre a relação humano-natureza. Como defendido por Jesus (2025), reconstruir o

> (...) entendimento da natureza, a partir do olhar ancestral, requer um diálogo que possibilite a formação para a ação sociopolítica diante dos impactos socioambientais diretamente relacionados aos danos causados pelos interesses do capitalismo e promova uma formação cidadã crítica, voltada para o respeito à natureza e à garantia de vida neste planeta. (Jesus, 2025, p. 4-5)

Seguindo essa linha de raciocínio, se reforça a ideia de que o meio ambiente e os seres humanos são indivisíveis, se integram e influenciam um ao outro, e ao mesmo tempo combate o pensamento individualista que os difere e que enfraquece o desenvolvimento educacional da consciência política e socioambiental dos educandos.

Na etapa da montagem das composteiras, conforme figura 2, os alunos se engajaram bastante pois consolidaram na prática os conteúdos apresentados na parte teórica.

Figura 2 - Etapa da montagem das composteiras



Fonte: acervo dos autores, 2026.

Seguindo o passo a passo, mostraram curiosidade sobre as funções de cada camada, além de fazerem associações aos conceitos teóricos trabalhados. A proposta de trazerem os materiais orgânicos de suas casas dialoga com a ideia desenvolvida por Rossini e Cenci (2020), de uma educação ambiental contextualizada, pois essa atividade teve como objetivos mostrar que a compostagem não é uma prática que está distante de suas realidades, pelo contrário, foi possível realizá-la com materiais presentes no dia a

ISSN: 2358-8829

dia. Os materiais que antes iriam para o lixo, de acordo com figura 3, ganham uma nova utilidade, promovendo o reaproveitamento e a construção de noções de sustentabilidade.

Figura 3 - Construção de camadas da composteira com materiais orgânicos



Fonte: dos próprios autores, 2026.

Dessa forma, articular a educação ambiental aos saberes indígenas foi crucial para o maior aprofundamento da prática da compostagem, pois evidenciou o potencial transformador de práticas pedagógicas que dialogam com a realidade dos sujeitos e com os saberes historicamente marginalizados, além de que, ao oportunizar o debate, foi possível provocar sensibilização acerca das práticas socioambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com a compostagem mostrou que a educação ambiental alcança maior significado quando parte da realidade e dos saberes dos próprios estudantes. O conhecimento prévio da turma sobre a prática, aliado ao diálogo inicial, permitiu reconhecer a compostagem como um saber ancestral e não apenas como uma técnica de manejo de resíduos. Nesse sentido, a discussão aproximou-se do conceito de terra preta indígena, solo de alta fertilidade desenvolvido por povos originários da Amazônia a partir do manejo de resíduos orgânicos, carvão e outros materiais, o que evidencia que o aproveitamento da matéria orgânica integra, há séculos, as práticas de cuidado com a terra e conecta o conteúdo escolar ao território e à cultura dos educandos.

Observou-se, ao longo da atividade, o engajamento dos estudantes, o fortalecimento da consciência ambiental e o desenvolvimento de competências socioambientais, evidenciando o potencial transformador de práticas pedagógicas que

ISSN: 2358-8829

dialogam com a realidade dos sujeitos e com os saberes historicamente marginalizados. Ao valorizar o que o alunado já sabia, e ao reconhecer a terra preta indígena como conhecimento científico e tradicional, a intervenção favoreceu a participação ativa e a construção coletiva do conhecimento.

Conclui-se, portanto, que atividades como esta contribuem para formar sujeitos críticos e comprometidos com a sustentabilidade, e reforçam a importância de metodologias que articulem saberes tradicionais e científicos. Sugere-se que novas ações deem continuidade ao trabalho, ampliando o diálogo com a comunidade e acompanhando os efeitos da prática na relação dos estudantes com o meio ambiente.

REFERÊNCIAS

CASTRO, A. C. A. A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL: UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM. **revistaea**, n. 68, 2019. Disponível em: https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3701 Acesso em: 23. out. 2026.

CAVALCANTE, L.; MARTINS, G. A.; BRANDO, F. R.. A Educação Ambiental e a Decolonialidade: um diálogo possível? **Pesquisa em Educação Ambiental (Online)**, v. 18, p. 1-20, 2023. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/15574. Acesso em: 28 out. 2026.

FERNANDES, M. L.; LOPES, J. J. Território, cultura e educação: a configuração da infância em tempo/espaço outro. **Em Aberto**, v. 31, n. 101, 9. abr. 2018.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JESUS, Y. L. Diálogos interculturais e pedagogias decoloniais em meio a problemas socioambientais: compreensão de natureza a partir de saberes e práticas tradicionais indígenas. **Revista Sergipana de Educação Ambiental (REVISEA)**, v. 12, p. 1-17, 2025. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/revisea/article/view/22534. Acesso em: 7 nov. 2026.

MEDEIROS, M. Pesquisas de Abordagem Qualitativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 224-225, 2012.

MARQUES, L. L. **O colapso do Capitalismo**: a crise ambiental e a indústria automobilística nos Estados Unidos entre 1991 e 2024. Faculdade Damas da Instrução Cristã — Recife, 2025. 54 f.

MONERAT, J. C. P. Capitalismo e Insustentabilidade: ambiente, mercadoria e humanidade. **SER Social**, Brasília, Brasil, v. 24, n. 50, p. 136–157, 2022.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. 2005. Disponível em: https://share.google/1mJy7CgJJSHMENMqk Acesso em: 23.out.2026.

ROSSINI, C. M.; CENCI, D. R. Práticas interdisciplinares na educação ambiental: caminhos para a sustentabilidade. **Research, Society and Development**, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 12, dez. 2020.